

Eco Oficinas

*Ferramentas de incentivo ao reaproveitamento
de materiais descartados na escola*

**Afranio Teodoro Moutinho
Denise Celeste G. A. Rodrigues**

Apresentação
AFRANIO MOUTINHO

Introdução
AFRANIO MOUTINHO

Fotografias
ROBERTO FILGUEIRAS / AFRANIO MOUTINHO

Diagramação
AFRANIO MOUTINHO / TAINAH COUTINHO

Tratamento de imagens
TAINAH COUTINHO



FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

M934e Moutinho, Afranio.
Eco oficinas: ferramentas de incentivo ao reaproveitamento de materiais descartados na escola. / Afranio Moutinho; Denise Celeste Godoy de Andrade Rodrigues. - Volta Redonda: UniFOA, 2015.

87 p. : II

Orientador(a): Denise Celeste Godoy de Andrade Rodrigues

Produto (Mestrado) - UniFOA / Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente, 2015.

1. Educação ambiental - produto. 2. Reciclagem. 3. Ciência e arte. I. Rodrigues, Denise Celeste Godoy de Andrade. II. Centro Universitário de Volta Redonda. III. Título.

CDD - 363.7

Aos que acompanharam este trabalho de perto e comigo vivenciaram a experiência de enfrentar um desafio: Bebê, Roberto Filgueiras e Tainah Coutinho.

Sumário

Apresentação	7
Educação Ambiental no Cotidiano Escolar	9
Sobreposição em Papelão	16
Máscara Africana	18
Escudo de Time de Futebol	22
Borboleta	26
Carro Porta-Retratos	30
Boné	34
Espelho	38
Papietagem	42
Máscara Indígena	44
Balão	48
Papier Mâché	52
Suporte para Copos	56
Prato	60
Porta Lápis	64
Porta-Retrato	68
Porta Ovos	72
Cofre	76
Moldes	80
Referências Bibliográficas	87

Apresentação

Lembro-me bem de quando li pela primeira vez uma reportagem sobre o trabalho com papier mâché e sua técnica de produção. Comecei então, a experimentar, pois era uma maneira barata de produzir objetos e exercitar minha habilidade, minha criatividade.

Infelizmente, o que era apresentado não condizia com a realidade. A massa resultante do processo de execução, apesar de maleável, não apresentava os resultados prometidos, além de mofar antes mesmo de terminada a secagem. Mas não desisti. Acreditava que descobriria uma fórmula mágica, que me traria os resultados esperados.

Daí por diante, foram algumas tentativas, até chegar num ponto satisfatório e, se alguma mudança ocorresse desde então, seria para melhorar ainda mais aquela “descoberta”, já que só consegui chegar a um resultado positivo a partir da experimentação.

Comecei então a elaborar pequenas peças que chamavam a atenção de conhecidos e percebi que aquele trabalho poderia me render muita satisfação. Não parei mais. A massa foi se aprimorando. Novos materiais foram incluídos. Outros, retirados. A textura era, digamos assim, eficiente. Os objetos ganharam o mundo e resistem até os dias de hoje, como se tivessem acabado de ser envernizados. Passei a ser procurado para ensinar a técnica e aos que realmente se empenharam em aprender, também virou uma forma de sustento, profissão.

Passados mais de trinta anos, percebi que no mestrado profissional estava a chance de apresentar a muitas outras pessoas a possibilidade de fazer arte, gerar renda e, acima de tudo, contribuir para o meio ambiente.

Educação ambiental no cotidiano escolar

 Educação Ambiental é um tema que tem despertado cada vez mais a atenção da sociedade, pois vivemos hoje momentos preocupantes, como a poluição, o desmatamento e a escassez de água, e é preciso propor novos caminhos de pensar e agir, individual e coletivamente, que abranjam desde a conscientização até modelos de produção de bens, para suprir necessidades humanas. Isso implica um novo universo de valores no qual a educação tem um importante papel a desempenhar.

Segundo Viveiro e Ruy (2013), os conhecimentos pertinentes à Educação Ambiental podem, a partir de temas relacionados com o meio ambiente e a sustentabilidade socioambiental, ser explorados de forma transversal dentro das disciplinas do currículo nos anos iniciais da escolarização e para isso, a polivalência do professor se torna um fator relevante.

Além de envolver discussões sobre os problemas ambientais, a Educação Ambiental também deve abranger uma dimensão maior, como o desenvolvimento de hábitos, atitudes e conhecimentos que possam levar à uma mudança de posicionamento dos cidadãos no ambiente natural, tornando-se uma prática contínua e permanente (GUESTA, 2012).

Guerra e Orsi (2008) ressaltam que a formação continuada em Educação Ambiental

tem como um dos seus objetivos oferecer uma base epistemológica tanto no campo ambiental quanto no social, proporcionando aos educadores que passem a ser atores desse processo refletindo de forma crítica sobre seus procedimentos e métodos utilizados diariamente em suas aulas, analisando e aperfeiçoando a prática docente para o trabalho com as questões ambientais, e situando o assunto em um contexto mais amplo, o da educação para a cidadania.

Segundo Jacobi (2003), o desafio do fortalecimento da cidadania concretiza-se pela possibilidade de cada pessoa ser portadora de direitos e deveres, e de se converter, portanto, em ator corresponsável na defesa da qualidade de vida.

O autor propõe ainda que o principal eixo de atuação da Educação Ambiental deva buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito às diferenças através de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas, que se consubstanciam no objetivo de criar novas atitudes e comportamentos diante do consumo em nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos, para os quais a escola pode contribuir de maneira efetiva.

Jacobi (2005) reforça este ponto de vista, ao afirmar que a educação ambiental assume, de maneira crescente, a forma de um processo intelectual ativo no que tange ao aprendizado social, baseado no diálogo e interação em constante processo de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados, que se originam do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal do aluno.

O educador dialógico tem como tarefa, segundo Freire (2014), além de trabalhar em equipe interdisciplinar, a investigação em todo seu universo temático, devolvê-la em forma de problema, deflagrando no aprendiz a curiosidade crescente, tornando-o mais e mais criador. Portanto, abordar na escola assuntos relacionados ao meio ambiente passa a ter um papel articulador dos conhecimentos nas diversas disciplinas, proporcionando a ressignificação dos conteúdos.

Outra contribuição da escola é disseminar a conscientização a respeito da destinação dos resíduos sólidos, como a compostagem, incineração e reciclagem que, de acordo com Gouveia (2012), as iniciativas para a redução da quantidade de materiais descartados em aterros no país como a coleta seletiva ainda caminham lentamente.

Portanto, havendo a possibilidade de estimular a prática para diminuir esse impacto,

a conscientização se torna mais eficiente, pois está mais próxima do estudante. Nesse caso, o direcionamento do descarte de papel e outros materiais pela escola pode se dar através de propostas que possibilitem ao aluno experimentar uma nova realidade.

Trigueiro (2012, p. 361) alerta para a educação por um novo olhar, onde a escola, ainda vista como um dos últimos refúgios do pensamento crítico e da reflexão, continua sendo um laboratório de ideias no qual deveriam ser aplicados com ênfase o conhecimento e a criatividade, na construção de um mundo justo, ético e sustentável. “Um espaço protegido das demandas imediatistas do mercado, que muitas vezes relegam à escola a função de formar consumidores comportados e novos quadros profissionais perfeitamente ajustados ao velho paradigma”.

Neste contexto, a escola, através de seus professores, tem um papel fundamental a ser assumido na reelaboração de informações recebidas através de diversos meios e, dentre essas informações, as ambientais - a fim de poder transmitir e decodificar para os alunos a expressão dos significados sobre o meio ambiente e a ecologia nas suas múltiplas determinações e interseções.

A preocupação em realizar atividades que tornem o tema Educação Ambiental atrativo para o estudante e prazeroso para o próprio professor leva a escola ao desafio de buscar novas propostas e nesse ponto, a Arte pode oferecer várias ferramentas pedagógicas que, se planejadas com tempo e executadas de forma adequada, surpreendem, e as atividades artísticas podem se manifestar de diferentes modos, pois, em se tratando de educação, as oficinas pedagógicas são acessíveis e contribuem para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, estimulando o engajamento criativo de seus integrantes, além de oferecer praticidade.

Grefe (2013, p. 277) considera os efeitos cognitivos ou os supostamente favoráveis das práticas artísticas na melhoria da capacidade de conhecimento de quem se beneficia dela. Para o autor, “um ambiente artístico enriquecido cria uma ligação mais positiva para a instituição educacional, bem como para seu pessoal, ao mesmo tempo em que torna menos dramático o peso das classificações e das recompensas, o que permite aumentar a confiança dos alunos mais frágeis em si mesmos”.

Conforme o autor, utilizar ferramentas artísticas contribui para facilitar a aplicação de métodos de ensino baseados na instituição e na experiência para métodos de

ensino baseados na dedução e apreensão de conceitos. Alguns alunos têm dificuldade na passagem do ensino elementar para o ensino médio em apreender os métodos tradicionais. Consequentemente, as ferramentas artísticas permitem facilitar essa passagem, modificando métodos e abordagens, o que permite a pessoas mais sensíveis se integrarem a determinadas expressões.

Barbosa e Coutinho (2009) atentam para o ensino da arte no desenvolvimento da consciência e identidade cultural do educando, resultando em benefícios sociais, como a qualidade das relações humanas e a compreensão de si e do outro, e para isso, é importante um esforço para ampliar o contato, o discernimento e o prazer da população com a cultura que a cerca.

Por meio da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA; COUTINHO, 2009, p. 21).

Silva e Pimentel (2013) evidenciam a preocupação em construir o conhecimento de forma articulada com a realidade a qual estão inseridos os estudantes, e nessa perspectiva, a arte se torna uma importante aliada na construção do saber ecológico, pois reforça os conceitos apreendidos nos modelos didáticos atuais, visto que o fazer artístico desperta a curiosidade, estimula a criatividade e contribui para atrair a atenção e levar à ação as atitudes esperadas por todos os que se preocupam com o meio ambiente e buscam maneiras de preservá-lo.

As atividades artísticas podem se manifestar de diferentes modos e, em se tratando de educação, as oficinas pedagógicas são acessíveis e contribuem para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem, estimulando o engajamento criativo de seus integrantes, além de oferecer praticidade.

Segundo Paviani e Fontana (2009), as oficinas pedagógicas são uma estratégia de integração entre pressupostos teóricos e práticas e contribui para diminuir a distância entre pensar e fazer algo. Nelas podem ocorrer apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos.

Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão (PAVIANI; FONTANA, 2009, p. 78).

De acordo com Borges, Barros e Gonçalves (2012), estas ações refletem uma preocupação com a afetividade, inerente a todos os segmentos da sociedade e presente em seus discursos. Sendo a escola um espaço onde a criança passa grande parte de seu dia, esta apresenta a sua importância em relação ao que se é e o que se faz contribuindo para a dinâmica do aprendizado de forma prazerosa e motivado pelo desejo de que seu desenvolvimento seja satisfatório, dentro da esfera da possibilidade e da necessidade que faz parte de todo ser.

Os autores ainda argumentam que as relações afetivas são imprescindíveis no espaço da escola.

Talvez todos nós tenhamos consciência, mas ainda não conseguimos entender a urgência desse momento em considerar o outro no suprimento das suas necessidades humanas. A afetividade é a via de acesso para o resgate de valores que têm sido deixados em segundo plano por causa da busca pelo material que para a maioria, é o mais importante no tocante à sobrevivência (BORGES; BARROS; GONÇALVES, 2012, p.404).

Nesse contexto, Feldkercher, Freitas e Martins (2009) afirmam que as oficinas possibilitam ainda a abertura de espaço para o diálogo entre os participantes. As Eco Oficinas, propostas neste livro a partir de uma experiência com professoras do ensino fundamental surgem como alternativa ao envolvimento de várias disciplinas reunidas em um único propósito e reúnem diferentes aspectos, tais como o pensamento, a experimentação, a descoberta, a reinvenção, a significação e a troca de ideias, nas quais os alunos possam se educar por meio de suas próprias experiências.

Limeira (2008) destaca a perspectiva de Vigotski (1896-1934), cujo pressuposto básico do desenvolvimento humano é de que a origem do pensamento e do aprendizado está nas interações que os indivíduos desenvolvem com os outros. Não apenas as interações explícitas entre as pessoas, mas na condição necessária para sua inserção social.

A teoria de Vigotsky é denominada sociointeracionista ou teoria da aprendizagem social porque é baseada no pressuposto de que as funções psicológicas, incluindo o pensamento e a aprendizagem, são formadas com base nas relações sociais,

ou seja, as crianças estão em constante interação com os adultos e é através da mediação dos adultos que os processos psicológicos mais complexos se desenvolvem (LIMEIRA, 2008, p.161).

A inserção social é um processo no qual a criança adquire crenças, valores, conhecimentos e habilidades e é atribuída à família, à escola e a outras instituições sociais, como a mídia e os grupos profissionais. É, portanto, um ambiente cultural, constituído pelas ações dos indivíduos que o compõem.

Outro aspecto levantado por Vigotski (1999) é que quando a escola estimula uma nova atividade correspondente às reais potencialidades da criança, surgem novas aquisições e novos processos psicológicos, determinando suas relações de vida de forma estável e desenvolvimento acelerado, ultrapassando os outros tipos de atividades.

O presente trabalho foi concebido a partir da realização de oficinas junto a professores do ensino fundamental no intuito de capacitá-los a executar em sala de aula experiências com papel e outros materiais que seriam descartados, privilegiando o calendário letivo, com peças que vão desde as mais simples até outras que, mesmo sendo um tanto complexas, podem ser simplificadas ou adaptadas conforme a proposta, por quem irá realizar o projeto.

Porém, sua proposta não visa apenas o reaproveitamento de materiais. Vai além disso. Pode ser o veículo para uma educação ambiental crítica e transformadora, na qual, a escola pode inserir a dimensão ambiental em seu Projeto Político Pedagógico, redefinindo seus conhecimentos teóricos e práticos, subsídios metodológicos, atitudes e valores ambientais.

Adams (2012) afirma que em sua plenitude, a Educação Ambiental trata-se de um processo que promove a compreensão crítica e global, dentro de uma visão sistêmica e não compartimentada ou fragmentada e, portanto, não deve ser instalada como uma disciplina específica, mas sim, estar implícita em todas as ações educativas, num processo que elucida valores e busca a alteridade, a equidade, estimulando a participação, promovendo a cidadania e a consciência ambiental.

Para a autora, educar para a sustentabilidade ambiental não é uma tarefa fácil, já que a Educação Ambiental visa estimular uma série de mudanças nos hábitos culturais, sociais e econômicos para alterar costumes que promovem o consumismo e priorizam o

desenvolvimento econômico.

Tais desafios reforçam a necessidade de mediação das atividades na escola e, segundo Tozoni-Reis (2006), a Educação Ambiental é atividade intencional da prática social, que imprime ao desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, com o objetivo de potencializar a atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental.

O professor, sendo o agente indispensável ao processo ensino-aprendizagem pode, a partir das práticas apreendidas nas oficinas junto aos conceitos teóricos, contribuir para a transmissão do conhecimento e desenvolvimento cultural, pois nelas, noções de estética, equilíbrio, cores, forma entre outras, estarão evidenciadas nos objetos elaborados. A arte nesse caso, atua de forma lúdica, aproximando o aluno das atividades que as disciplinas pretendem tratar.

A necessidade de oportunizar experiências afetivas entre professores e alunos constitui um bem fundamental para a adaptação à vida e ao meio social. Estimular sua capacidade de comparar, de se emocionar, de sentir parte do mundo de modo a perceber-se nele. Afinal, a presença no mundo não deve ser a de se adaptar a ele, mas acima de tudo, nele se inserir.

O uso do papel em atividades artísticas pode proporcionar inúmeras possibilidades que vão do desenho e técnicas de pintura como a aquarela, até dobraduras como o origami, sobreposições, colagens e modelagem pelo uso da massa de papel.

Estas técnicas, por sua vez, podem ser aplicadas isoladamente ou em conjunto, combinadas conforme a criatividade de quem irá utilizá-las. A durabilidade de cada uma delas pode ser infinita, dependendo da maneira como se dará o acabamento.

Ao aliar as técnicas apresentadas neste livro com a capacidade criativa de quem dela se beneficiar, é possível, inclusive, vislumbrar a possibilidade de geração de renda e profissionalização.

Sobreposição em Papelão

Esta técnica consiste na colagem em camadas de recortes de papelão unidos por cola branca, que resultará em peças com certo relevo e resistência. Exemplos de peças utilizando este recurso são máscaras usadas para peças de teatro, festas folclóricas, entre outras, e escudos de time de futebol para homenagear os pais.

Máscara Africana

Esta é uma peça simples, que pode ter diferentes versões a partir de adaptações. Ao pesquisar sobre cultura africana, é importante lembrar que as formas são múltiplas e as cores se voltam para os tons de terra.



Passo 1 - Recorte todas as partes que formam a máscara em retalhos de papelão. Para os olhos, abra um pouco o recorte do meio, sem necessidade de separar cada parte. A base e o nariz podem ser feitos com um pedaço que tenha uma dobra no meio. Isso ajudará a dar volume à peça. Reserve.

Passo 2 - Comece colando as narinas por baixo do nariz e depois o posicione no centro, deixando um espaço entre ele e a base. Use cola branca.

Passo 3 - Passe uma camada de tinta em toda a peça e deixe secar.

Passo 4 - Comece a pintar os detalhes, procurando usar cores e formas que remetam ao tema. Cores terrosas são mais indicadas.

Passo 5 - Recorte uma tira de papelão e dobre em três partes. Na do meio, faça um buraco com furador de papel. Vire as outras duas e cole no verso da peça, deixando também um espaço como feito no nariz. Isto servirá para pendurar na parede.

Passo 6 - Use pedaços de tampa de plástico recobertos com tiras de papel para fazer um adereço para o nariz. Contas de colar usadas e rafia ou pedaços de barbante podem virar brincos e outros adereços de acabamento.



Escudo de Time de Futebol

Este modelo servirá como base para o time do papai.
Com certeza, será uma bela lembrança.



Passo 1 - Escolha o escudo do time que irá elaborar, amplie no tamanho desejado e recorte numa folha de molde.

Passo 2 - Transfira todas as partes para uma folha de papelão e recorte.

Passo 3 - Pinte todas as partes que irão compor o escudo, passando duas camadas de tinta.

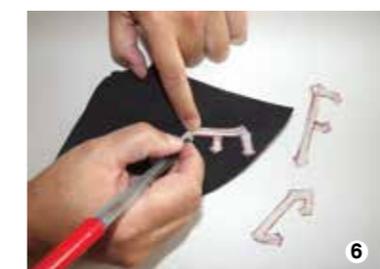
Passo 4 - Depois de seco, recorte tiras de aproximadamente 8 mm em EVA e cole por toda a volta do escudo. Por ser maleável, ela irá acompanhar o contorno facilmente. Use pregadores de roupa para ajudar a segurar enquanto seca.

Passo 5 - Comece a colar cada parte em sua respectiva posição.

Passo 6 - Desenhe as letras que compõem a sigla do time em EVA e recorte.

Passo 7 - Cole cada letra sobre uma base já pintada. Dependendo do time, elas são coladas diretamente sobre o escudo.

Passo 8 - Finalize colando a base de letras no devido lugar.



Painel de Borboleta

Usando a técnica de mosaico, você pode criar o que quiser. Desde um painel com uma simples paisagem, até uma cena imitando vitral.



Passo 1 - Risque o contorno da borboleta em um pedaço de papelão e recorte deixando uma sobra de 1 cm.

Passo 2 - Pinte todo o contorno de preto e a sobra de branco ou a cor que preferir, desde que seja discreta para não chamar a atenção para ela.

Passo 3 - Marque o desenho dos detalhes das asas e cole cada um deles já recortados no devido lugar.

Passo 4 - Passe uma camada de tinta PVA laranja em toda a parte colorida. Aguarde secagem e passe mais uma camada.

Passo 5 - Se quiser enriquecer a pintura com mais detalhes, escolha cores próximas ao laranja como amarelo e magenta e crie livremente mais detalhes. Isso pode ser feito até com lápis de cor.

Passo 6 - As partes menores podem ser pintadas diretamente sem o uso de recortes. Isso não irá interferir no resultado.



1



2



3



4



5



6

Carro Porta-Retratos

As lembranças da família podem ficar registradas neste presente original. Além da prancha, outros objetos podem ser levados para a viagem!



Passo 1 - Risque todas as partes em pedaços de papelão e recorte.

Passo 2 - Monte todas as partes fazendo a sobreposição.

Passo 3 - Cole os dois suportes que farão a peça ficar de pé atrás das rodas.

Passo 4 - Recorte as molduras onde entrarão as fotos e cole na parte de trás.

Passo 5 - Escolha as cores dos elementos e pinte cada um, aguardando sempre a secagem.

Passo 6 - Recorte pedaços de acetato transparente no mesmo tamanho das fotos e faça a montagem, finalizando com uma tampa de cartolina recortada no tamanho da moldura.



Boné

O mesmo modelo pode ser adaptado para outros animais ou personagens, de acordo com o gosto do aluno.



Passo 1 - Risque todas as partes em pedaços de papelão que possuam apenas uma camada (para dar maleabilidade) e recorte.

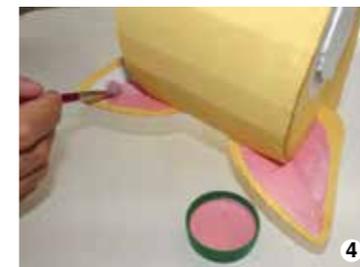
Passo 2 - Comece a montagem pela parte maior e as laterais da cabeça usando cola branca. Retire as sobras. Continue a montagem colando as orelhas, focinho e olhos.

Passo 3 - Passe uma camada de tinta PVA branco e aguarde secagem.

Passo 4 - Escolha as cores que irá usar e pinte os detalhes de cada parte. Se houver necessidade, reforce com mais uma camada.

Passo 5 - Se quiser criar detalhes, use um tom acima da cor principal e pinte os pelos. Finalize com os detalhes dos olhos.

Passo 6 - Faça furos nas laterais do focinho, recorte bigodes de EVA branco e passe pelos buracos. Reforce com um pingo de cola.



Espelho de Flor

A mamãe ficará mais linda ao se olhar neste espelho todo feito por você.



Passo 1 - Risque todas as partes em pedaços de papelão e recorte. Para um acabamento mais aprimorado, faça papietagem (próxima técnica a partir da página 42) com tiras pequenas de papel por toda a volta da base e das pétalas, que serão sobrepostas.

Passo 2 - Cole pequenos pedaços de papelão entre uma pétala e outra da base para que possa ser feita a sobreposição das pétalas menores. Quanto mais perto do furo, mais volume terá a segunda camada de pétalas.

Passo 3 - Após secagem, passe massa corrida ou massa para modelagem, deixando formar veios, para criar textura.

Passo 4 - Faça rolinhos de massa de papier mâché (veja receita da massa na página 55) e cole na borda do furo onde entrará o espelho.

Passo 5 - Com uma pinça sempre molhada, crie a textura que desejar por toda a volta do miolo.

Passo 6 - Comece a pintura nas cores escolhidas. Se quiser passar uma camada de tinta PVA antes, escolha um tom predominante. Isso dará suporte às outras tonalidades que virão por cima.

Passo 7 - Recorte um círculo de papelão vasando num tamanho um pouco maior que o espelho (ver moldes) e cole atrás, inserindo antes um pedaço de barbante para pendurar. Se quiser economizar, utilize a moldura com furo quadrado. O efeito é o mesmo.

Passo 8 - Finalize com o espelho ou fotografia e cole uma tampa de cartolina para segurá-lo.



Papietagem

Técnica conhecida também como Papier Collèe, consiste na sobreposição em camadas de papel rasgado, molhado em cola levemente diluída em água.

Muito utilizada para confeccionar as famosas máscaras venezianas, adquire ótima resistência com o uso de diferentes tipos de papel, como jornal, ofício, embrulho, até mesmo cartolina, quando a superfície a ser moldada é relativamente plana.

Quando se quer reaproveitar o molde, devemos encapá-lo com filme plástico ou untá-lo com algum produto que facilite soltar depois de seca a peça.



Máscara Indígena

Pode ser um índio, um pierrot, uma princesa. Ou o que a imaginação permitir.



Passo 1 - Sobre o molde escolhido (pode ser uma máscara de acetato), passe uma camada de creme para as mãos ou vaselina sólida, para facilitar a retirada da peça. Comece a papietagem intercalando as cores das camadas de papel mergulhados em uma mistura de água e cola branca, na proporção de 1 x 1 ou na consistência que preferir. Faça pelo menos cinco camadas.

Passo 2 - Após a secagem, retire a peça do molde com uma pinça ou espátula. Recorte as sobras de papel à volta da peça e nos olhos.

Passo 3 - Para o cocar, recorte um arco de papel cartão baseado no tamanho da cabeça e faça vincos, como se fosse um leque. Deixe uma sobra, picote e dobre para frente. Passe cola branca no local onde será inserido.

Passo 4 - Cole o cocar a partir da sobra e aperte para fixar. Espere secagem.

Passo 5 - Para o cabelo, use um pouco de massa de papier mâché (página 55), espalhe e faça a modelagem com uma espátula. Aguarde secagem. Faça o acabamento do cocar colando um rolinho de jornal ou uma corda (dessas de sacolas de lojas).

Passo 6 - Pinte da maneira que preferir, sempre do fundo para a frente.



Balão

Esta é uma peça complexa. O processo de criação é mais demorado, mas vai mexer com a criatividade de toda a turma.



Passo 1 - Encha uma bexiga no tamanho que desejar e comece a colar retalhos de papel mergulhados em uma mistura de água e cola branca na proporção de 1 x 1 ou na consistência que preferir.

Passo 2 - Cole outra camada usando uma cor de papel diferente para ter certeza de que cobriu toda a bexiga. Repita esta etapa até completar umas cinco camadas, pelo menos. Quanto mais camadas, mais firme ficará a peça.

Passo 3 - Se quiser deixar a parte de baixo mais reta, papiete apenas na parte de cima da bexiga e faça um cone de cartolina e adapte à metade de baixo dela. Esta parte é opcional.

Passo 4 - Depois de unidas as duas partes, continue o processo de papietagem.

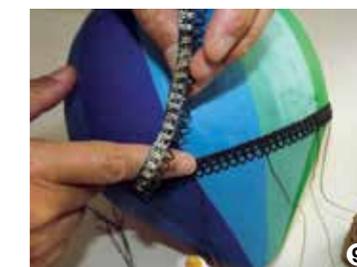
Passo 5 - Aplique uma camada de massa corrida em toda a peça e deixe secar de um dia para o outro. Após a secagem, lixe a peça para ficar mais homogênea. Esta etapa também é opcional.

Passo 6 - Passe uma camada de tinta PVA branco, espere secagem e faça o desenho que preferir. Comece a pintar.

Passo 7 - Para fazer o cesto, corte um pedaço de rolo de papel higiênico ou de papel toalha (por volta de 5 cm de altura).

Passo 8 - Dobre para fazer os vincos das laterais e cole um pedaço de cartolina no fundo. Papiete ou então cubra com massa de papier mâché (neste caso, foi feito um carimbo com juta, como no passo a passo do porta-retrato, na página 70). Pinte da cor que preferir.

Passo 9 - Faça a montagem das peças, unindo o balão ao cesto com pedaços de barbante pintado ou outro tipo de cordão.



Papier Mâché

O Papier Mâché é uma técnica milenar e tem como principal característica a versatilidade. Embora a palavra Papier Mâché que significa papel picado, amassado e esmagado tenha origem francesa, a técnica foi inventada na China e possibilita a confecção de um grande número de trabalhos, que podem resistir por muitos anos.

A massa é feita à base de restos de papel ofício recolhidos de provas, informes, documentos e correspondências, entre outros, triturados no liquidificador.

Pasta de papel

Passo 1 - Bata no liquidificador o equivalente a uma concha cheia de papel ofício rasgado com as mãos para ficar mais fácil de triturar, completando o copo com água, mas sem atingir o final para não entornar. Não é necessário bater por muito tempo. Quando perceber que o líquido gira de forma homogênea (por mais ou menos 15 segundos), pode parar.

Passo 2 - Em uma bacia ou balde, coloque um pano de prato limpo e despeje o papel batido. Se for usar o balde, amarre um pano de prato com um elástico ou barbante para o peso do papel não deixá-lo descer. Após duas a três batidas, retire o pano de prato com cuidado para não entornar e torça para retirar o excesso de água.

Essa etapa pode ser repetida quantas vezes forem necessárias, tomando cuidado em deixar o motor do liquidificador esfriar para não queimar.

Reserve o papel batido.

Mesmo que não seja totalmente utilizado, a pasta de papel pode ser guardada em um pote com tampa bem fechado ou uma sacola plástica amarrada com barbante (ou um arame de embalagem de pão de forma). Se quiser, misture uma colher de sopa de água sanitária para ajudar a conservar.



Massa

Passo 1 - Em uma bacia plástica coloque duas xícaras (chá) de papel batido e duas xícaras (café) de cola branca de boa qualidade (se for uma cola muito rala, precisará aumentar a quantidade). Misture bem, até perceber que começa a desgrudar das mãos. Essa massa deve ficar um pouco mole, sem muita consistência, pois entrará depois elementos secos. Pode ser acrescentado uma colher de água sanitária para conservar mais a massa.

Passo 2 - Acrescente duas colheres (sopa) de farinha de trigo e uma xícara (café) de gesso de secagem lenta (o gesso Cré, usado para artesanato é o ideal, mas não é encontrado em qualquer cidade). Se usar gesso de secagem rápida, coloque menos quantidade e use a massa o mais rápido possível.

Essa medida pode ser multiplicada conforme a necessidade. Se não for usar tudo, guarde da mesma forma que o papel batido, mas tendo o cuidado de vedar bem e evitar deixar aerado o recipiente (é melhor ser guardado em sacola plástica).

Se por acaso a massa endurecer antes de ser usada, não jogue fora. Faça outra medida e incorpore, colocando pequena quantidade de água e/ou mais cola.

Passo 3 - Se quiser abrir uma placa como massa de pizza para cobrir uma área de forma regular, coloque um plástico sobre uma mesa, abra com as mãos um pouco de massa, coloque outro plástico por cima e faça o rolo ou uma garrafa deslizar sobre um trilho feito com duas régua de madeira ou papel paraná (um tipo de papelão usado em cartonagem) que tenham a mesma altura: mais ou menos 3 mm. O rolo deve passar sobre os trilhos, para que a altura seja sempre a mesma. Depois disso, retire o plástico de cima e use a placa de massa como precisar.



Suporte para copos

Nada como assistir o jogo com o papai fazendo um lanchinho e apoiando os copos nas cores do seu time.



Passo 1 - Separe tampas de plástico sem muitos detalhes ou entranhas e passe uma pequena camada de creme para mãos ou vaselina sólida. Reserve.

Passo 2 - Abra a massa com o rolo na altura de 3 mm e pressione cada tampa sobre ela para cortar. Finalize apertando levemente com os dedos umedecidos em água para aderir ao molde. Deixe secar de um dia para o outro.

Passo 3 - Retire as peças do molde com a ajuda de uma pinça.

Passo 4 - Passe uma camada de tinta PVA branco e aguarde secagem.

Passo 5 - Desenhe da forma que quiser, procurando combinar o conjunto de peças. Comece a pintar.

Passo 6 - Pinte cada peça, passando uma cor de cada vez em todo o conjunto. Espere secar e finalize com verniz à base de água, ou se preferir, verniz comum (nesse caso, é preferível a professora passar, dependendo da idade do aluno).

Para um acabamento mais aprimorado, cole bolinhas feitas de retalhos de EVA no fundo de cada peça (opcional).



Prato

Aqui foi privilegiada a fauna brasileira, mas a criatividade pode se manifestar de múltiplas formas.



Passo 1 - Forre um prato descartável com filme plástico.

Passo 2 - Abra a massa de papier mâché com o rolo na altura de 3 mm e coloque o prato sobre a massa. Recorte toda a volta com uma pinça num tamanho um pouco maior que o prato, por segurança. Retire as sobras.

Passo 3 - Cubra a peça com o outro plástico que foi usado para abrir a massa e vire tudo sobre a mesa. Retire o plástico que estava por baixo do prato e comece o acabamento retirando os excessos e modelando com uma pinça molhada.

Passo 4 - Com as pontas dos dedos molhadas, aperte as bordas do prato para um acabamento mais delicado. Se quiser uma base para o prato, faça hachuras no local e deixe secar de um dia para o outro.

Passo 5 - Faça rolinhos de massa, passe cola nas hachuras e cole os rolinhos, apertando com os dedos e deixando a base reta. Use uma tampa como molde para facilitar.

Passo 6 - Quando a peça estiver seca, retire-a do prato, que poderá servir de base para outros.

Passo 7 - Passe uma camada de tinta PVA branco e espere secagem.

Passo 8 - Desenhe a figura que desejar com lápis preto ou transfira o desenho com carbono.

Passo 9 - Comece a pintar pelo fundo, aguardando secagem entre uma cor e outra.

Passo 10 - Para uma boa cobertura, pinte sempre em duas camadas.



Porta-Lápis

Seus objetos vão ficar mais organizados reaproveitando materiais e fazendo arte.



Passo 1 - Escolha uma lata ou cilindro de papelão para servir de base. No caso do cilindro, recorte um círculo na mesma medida interna, uma tira de papel grosso com largura aproximada de 6 mm e cole na base para segurar o círculo no fundo.

Passo 2 - Abra a massa de papier mâché com o rolo na altura de 3 mm e coloque a peça (lata ou cilindro) sobre a massa. Marque uma medida próxima ao tamanho e retire os excessos de massa. Enrole por toda a volta e comece o acabamento, sempre molhando, com uma pinça.

Passo 3 - Faça o mesmo com o fundo, preocupando-se em deixar bem colado e uniforme. Essa etapa pode ser feita no dia seguinte, com a peça seca.

Passo 4 - Deixe secar novamente e risque com lápis o desenho que quiser para criar relevos.

Passo 5 - Faça rolinhos de massa e vá inserindo sobre o desenho, passando pequena quantidade de cola na marcação e apertando com as pontas dos dedos. Se tiver dificuldade em trabalhar toda a volta da peça, faça em duas etapas, aguardando secagem entre uma e outra.

Passo 6 - Após secagem, passe tinta PVA branco em toda a peça e espere novamente a secagem.

Passo 7 - Pinte toda a peça em uma só cor. Peças como esta devem ser pintadas sem muitos detalhes para valorizar a textura. Após a pintura, faça uma pátina passando PVA na cor que preferir e imediatamente limpe com um pano seco. Assim, a cor ficará retida apenas na parte mais funda.



Porta-Retrato

Este presente vai agradar a todos.
Faça um para cada.
Esbanje talento e economize no bolso!



Passo 1 - Recorte os moldes de papelão (página 86) conforme a medida da fotografia, sendo que um servirá de apoio para que ela fique encaixada corretamente. A parte de trás deverá ser um pouco maior que a foto (aproximadamente 1 cm de cada lado). Junte as duas partes com cola branca e acrescente a base para a peça ficar de pé.

Passo 2 - Abra a massa com o rolo na altura de 3 mm e coloque a base de papelão sobre ela. Recorte toda a volta com uma pinça e comece a limpar os excessos (sempre molhando a pinça).

Passo 3 - Molhe um pedaço de juta e coloque a peça com a massa virada sobre ela. Aperte, preocupando-se em fazer o acabamento desde já. Você pode inserir fios de juta sobre ela própria, provocando mais relevos.

Passo 4 - Retire a peça do tecido e verá que ficou marcado, criando uma textura. Deixe secar por mais ou menos um dia.

Passo 5 - Cubra o verso da peça e cole as cantoneiras que irão prender a foto. Faça o acabamento da base, e teste a peça em posição inclinada, para que depois de pronta, permaneça de pé. Espere secar.

Passo 6 - Cubra todo o verso da peça, finalizando as bordas com uma espátula.

Passo 7 - Espere secar de um dia para o outro e então, passe uma camada de tinta PVA branco em toda a peça.

Passo 8 - Depois de seco, pinte com uma cor metálica usando goma laca e purpurina fina. Peças como esta devem ser pintadas sem muitos detalhes para valorizar a textura.

Passo 9 - Após a pintura, faça uma pátina passando PVA na cor que preferir e imediatamente limpe com um pano seco. Assim, a cor ficará retida apenas nos veios formados pela juta. Se preferir, use betume e limpe com um pedaço de estopa ou tecido umedecido com aguarrás para retirar o excesso.



Porta-Ovos

A cozinha vai ficar mais alegre com essas divertidas figuras!



Passo 1 - Pegue um pote de margarina no tamanho que preferir e passe vaselina sólida na parte de fora ou forre com filme plástico. Esta parte servirá como base. Abra a massa de papier mâché com o rolo na altura de 3 mm e cubra o pote, fazendo o acabamento nas bordas. Deixe secar por mais ou menos um dia e desenforme. A base poderá ser reaproveitada por muitas vezes.

Passo 2 - Modele as asas e pescoço com pedaços de isopor.

Passo 3 - O rabo e a crista podem ser feitos com papel cartão. Cole tudo no devido lugar.

Passo 4 - Cubra cada parte com a massa de papier mâché também aberta com o rolo e novamente deixe secar. Modele os olhos e crie outros detalhes com a massa, como preferir.

Passo 5 - Espere secar de um dia para o outro e então, passe uma camada de tinta PVA branco em toda a peça.

Passo 6 - Depois de seco, faça a pintura da maneira que preferir e proteja com verniz à base de água para dar mais resistência à pintura.



Cofre

Tudo o que você economizou fazendo os objetos aqui apresentados, pode ser guardado num lugar bem seguro.



Passo 1 - Pegue uma garrafa com tampa de rosca suficiente para passar uma moeda grande. Cole um pedaço de isopor no tamanho da base e depois modele com uma faca ou estilete. Ele fará com que o corpo tenha um formato mais arredondado, mas se preferir reto, pule esta etapa.

Passo 2 - Faça um furo de aproximadamente 3 cm no corpo da garrafa com pirógrafo ou uma tesoura pequena, que servirá para introduzir as moedas.

Passo 3 - Se a garrafa apresentar alterações no relevo, corrija as imperfeições utilizando a técnica da papietagem como apresentado nas páginas 46 e 50. Do contrário, passe para a próxima etapa.

Passo 4 - Para modelar os pés poderão ser utilizadas rolhas de garrafa ou pedaços de isopor retirados de embalagens de eletrodomésticos, usando cortador elétrico próprio para este material que, além de ser uma ferramenta segura, é fácil de manusear. As orelhas podem ser feitas a partir de pedaços de isopor ou papelão cortados em forma triangular.

Passo 5 - Cubra a metade da superfície da garrafa com massa e espere secar, deixando as sobras sem acabamento. Após a secagem, essas sobras servirão de guia para cobrir o restante do corpo.

Passo 6 - O rabo pode ser feito com um rolinho de massa e aplicado diretamente sobre a superfície ainda úmida. Se quiser esperar secar, preencha com cola a área que ele irá ocupar.

Passo 7 - Cubra o focinho separadamente porque quando o cofre estiver cheio de moedas, é só abrir pela própria tampa e depois ele pode ser reutilizado. Com a base de uma caneta ou pincel umedecidos em água, aperte para formar as narinas.

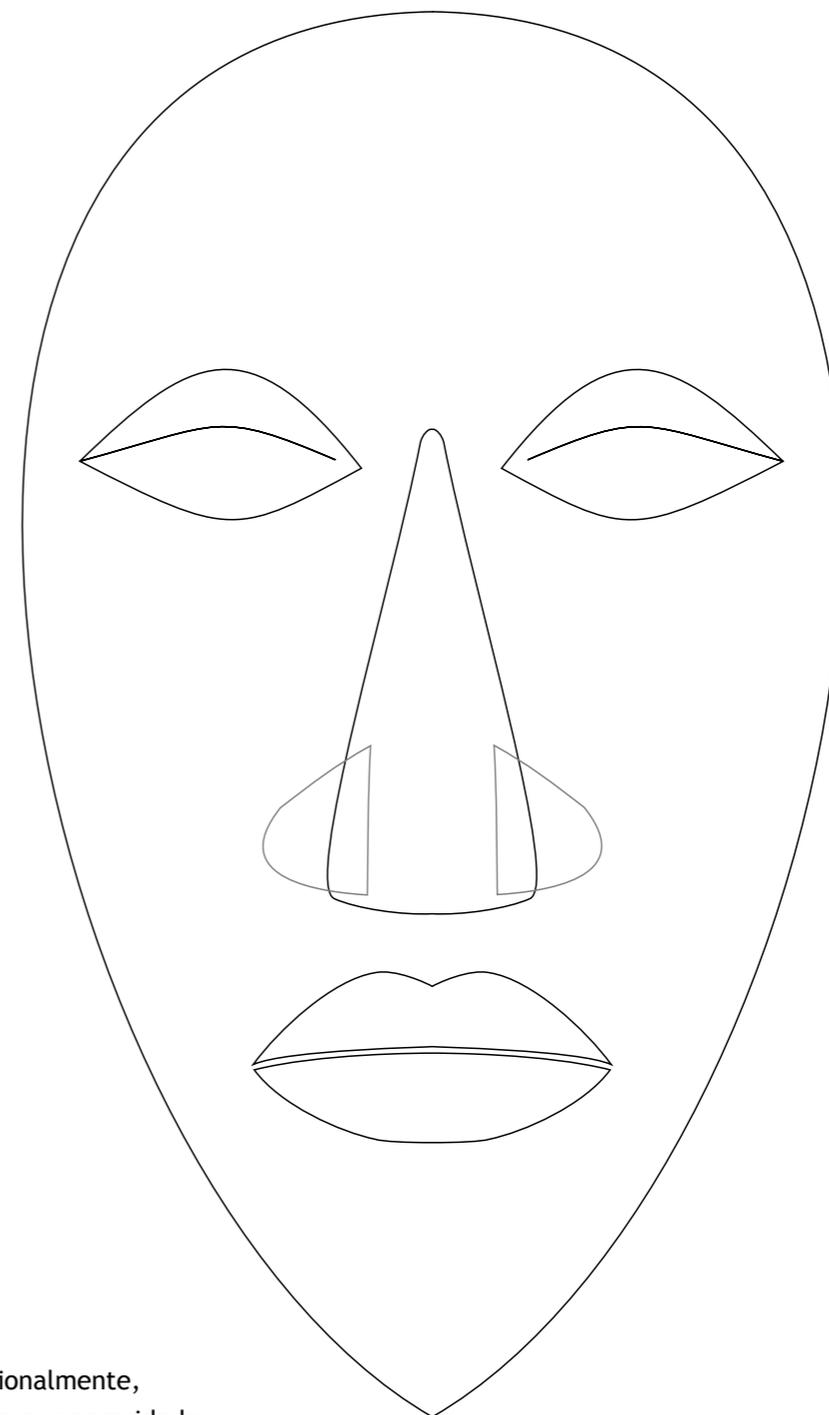
Passo 8 - Espere secar de um dia para o outro e então, passe uma camada de tinta PVA branco.

Passo 9 - Depois de seco, faça a pintura da maneira que preferir e proteja com verniz à base de água para dar mais resistência à pintura.

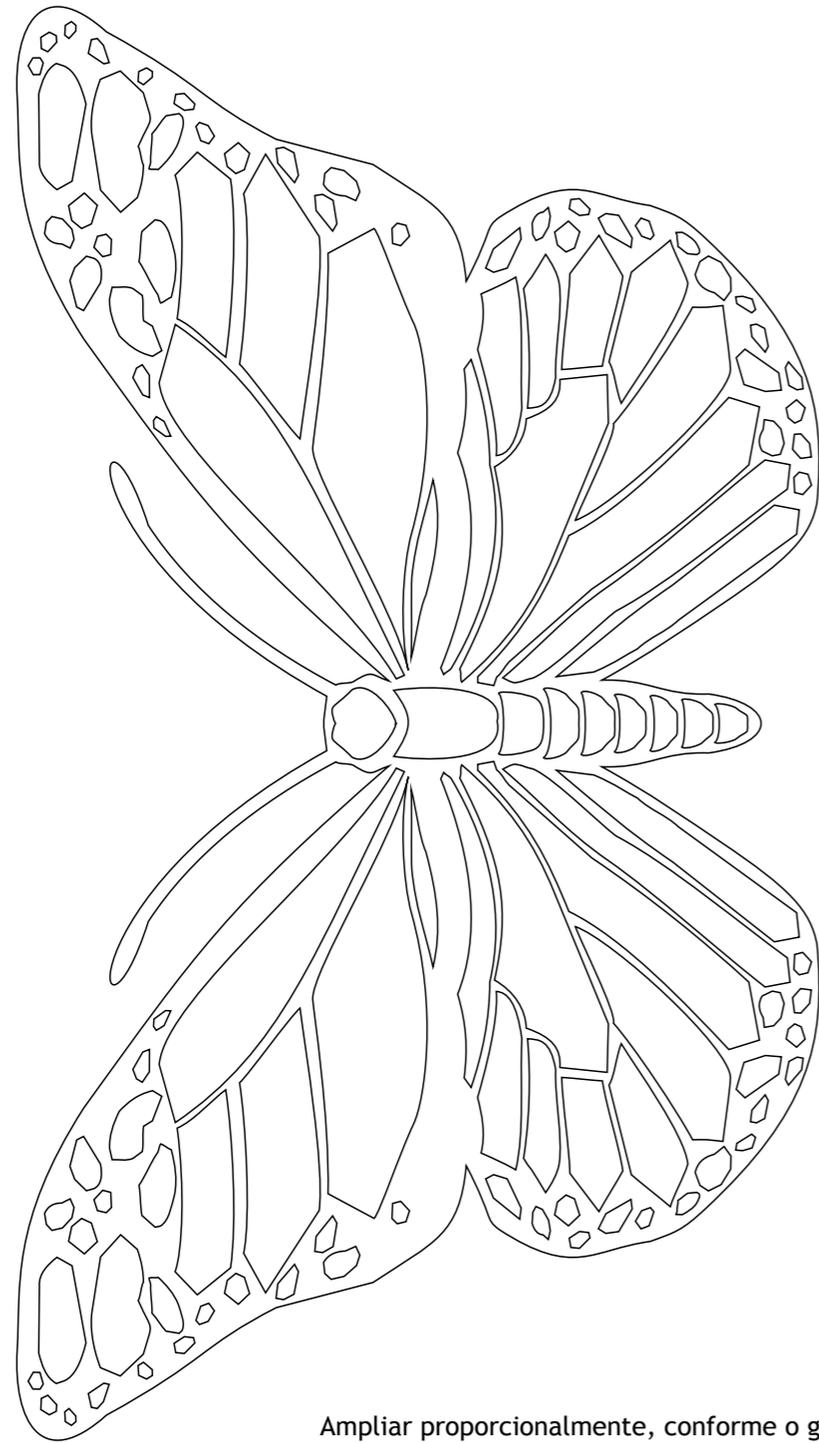


MOLDES

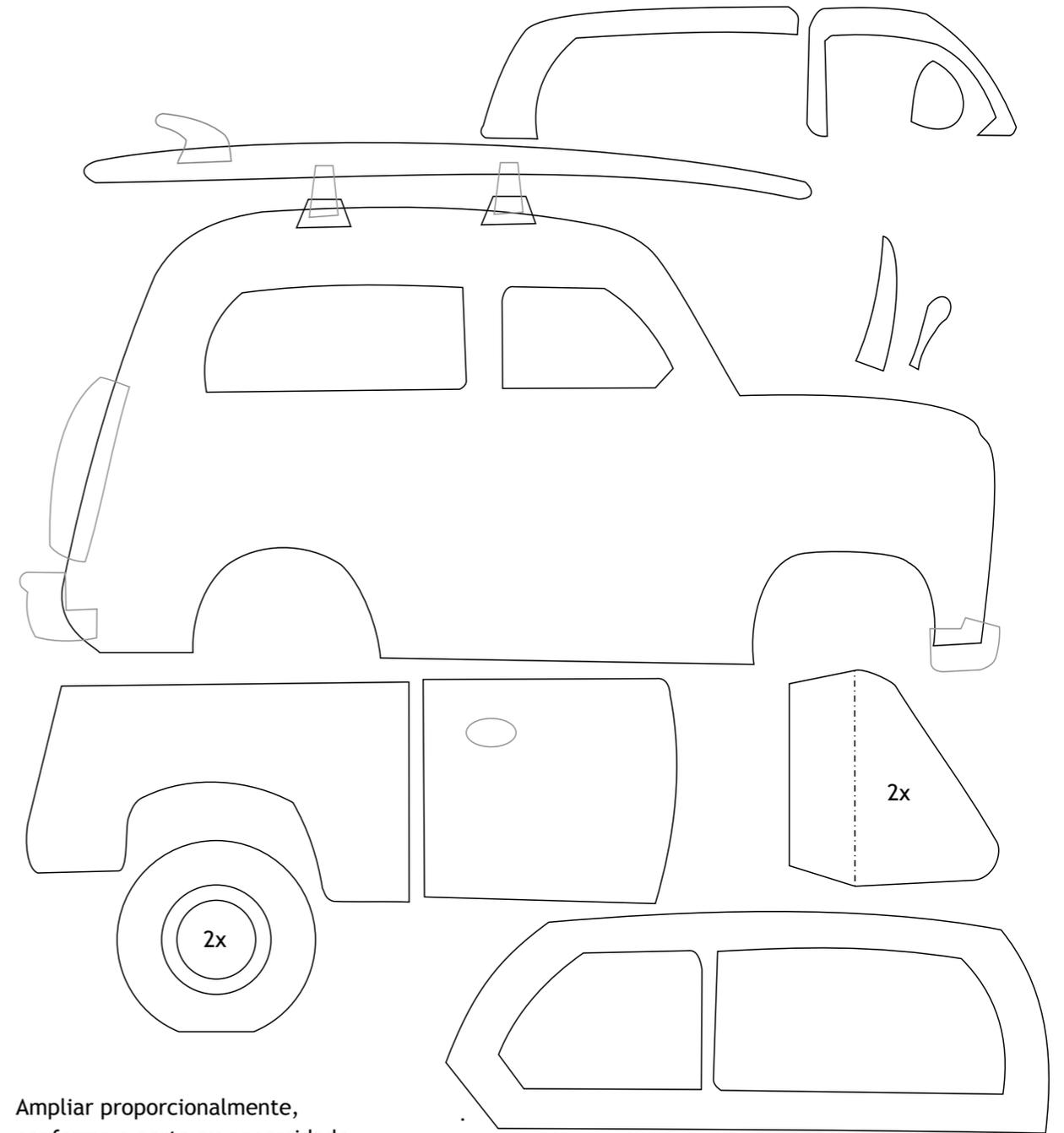
Os moldes a seguir correspondem a algumas das peças que compõem este livro. Outros poderão ser executados a partir destes ou você pode pesquisar imagens na internet e adaptar à sua necessidade.



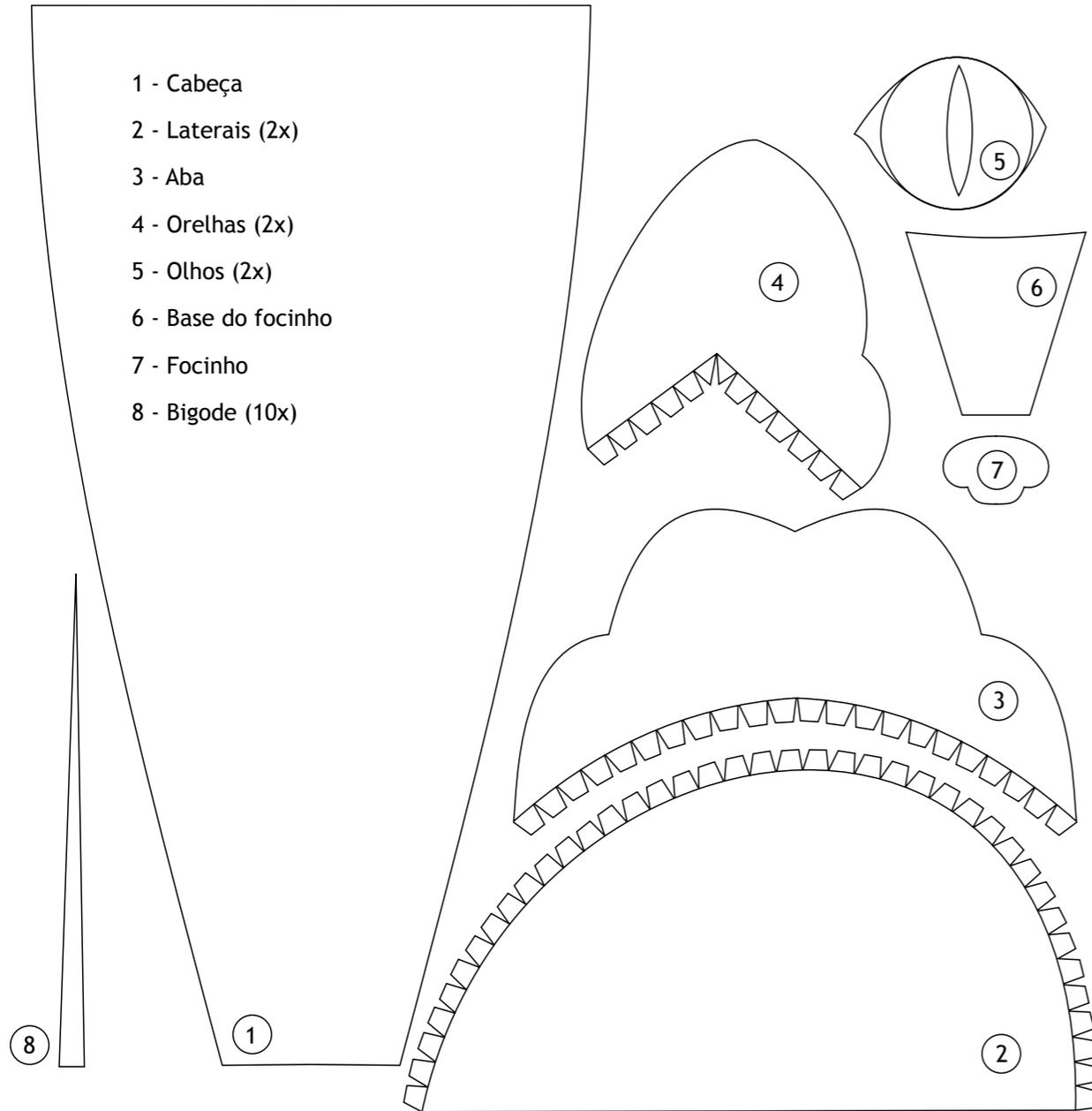
Ampliar proporcionalmente,
conforme o gosto ou necessidade.



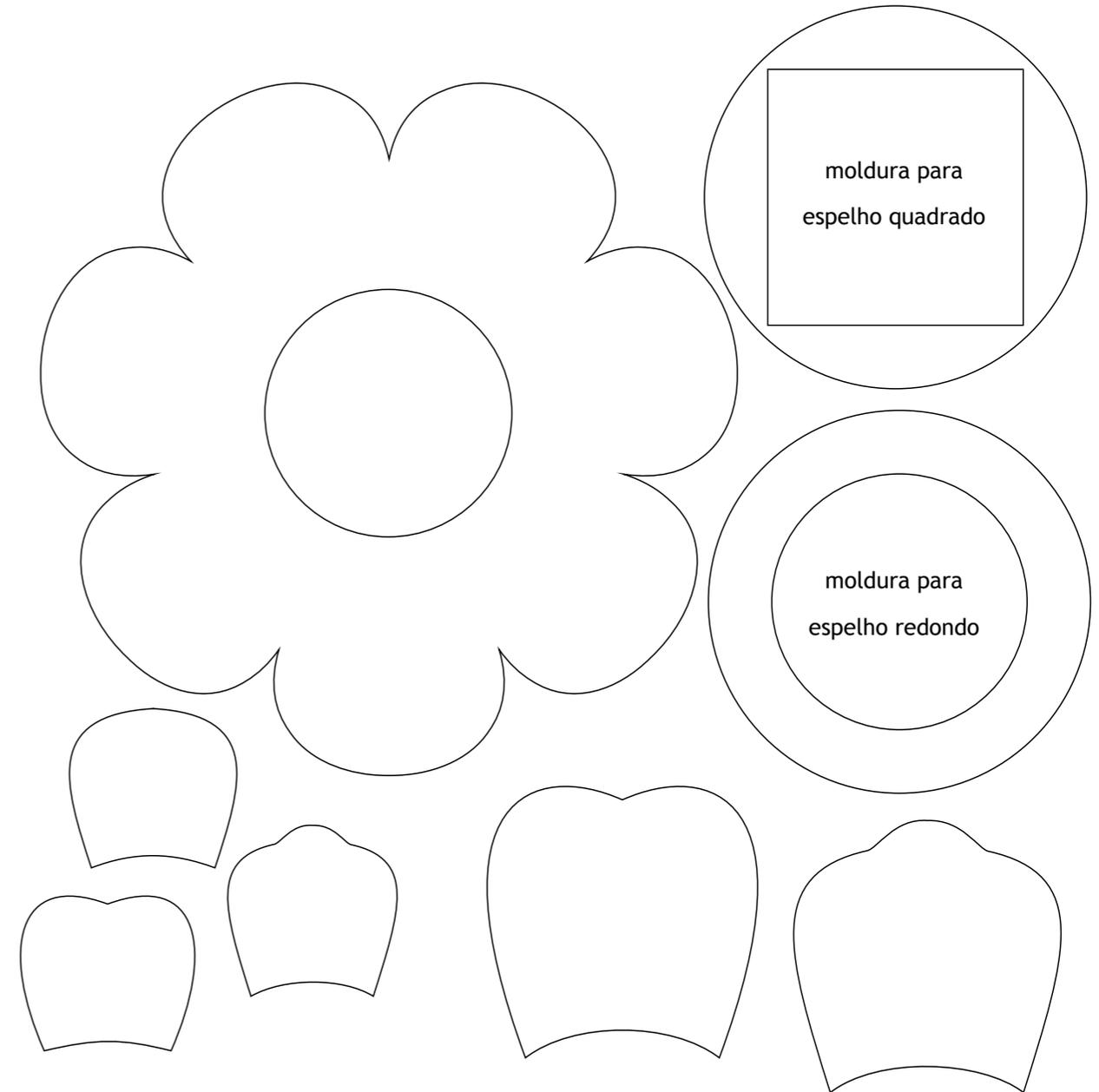
Ampliar proporcionalmente, conforme o gosto ou necessidade.



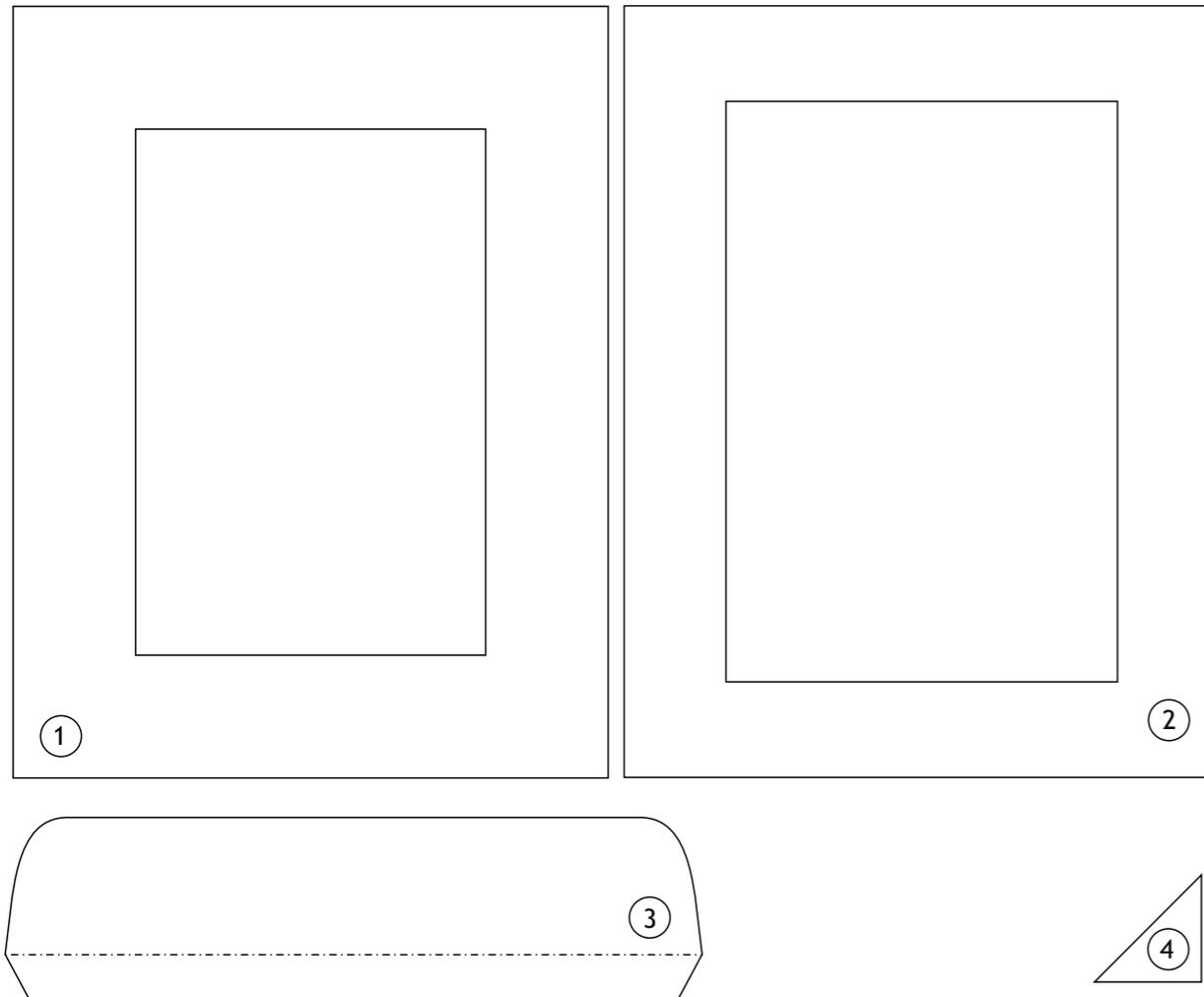
Ampliar proporcionalmente,
conforme o gosto ou necessidade.
Note que algumas peças se sobrepõem.
Algumas estão já posicionadas no molde.



Ampliar pelo dobro do tamanho, aproximadamente.



Ampliar proporcionalmente, conforme o gosto ou necessidade.
Os moldem apresentados variam entre pétalas simples, e com duas ou três pontas.



- 1- Moldura frente
- 2- Moldura verso
- 3- Base da moldura
- 4- Apoio da foto (4x)

Ampliar proporcionalmente,
conforme o tamanho da foto.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, Berenice Gehlen. **A importância da lei 9.795/99 e das diretrizes curriculares nacionais da educação ambiental para docentes**. REMOA/UFSM, 2012.
- BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (orgs.). **Arte e educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BORGES, A; BARROS, F; GONÇALVES, S. **Oficina pedagógica: aprendendo com afetividade em brincadeiras e jogos educativos no ensino fundamental**. Recife, 2012.
- FELDKERCHER, N.; FREITAS, D.; MARTINS, F. **Oficinas pedagógicas: instrumentos de valorização da diversidade no ambiente escolar**. UFSM, 2009.
- FREIRE; FREIRE, Ana Maria de Araújo. (org.). **Política e educação**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GIESTA, N. C. **Histórias em quadrinhos recursos da educação ambiental formal e informal**. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.). **Educação Ambiental Abordagens múltiplas**, 2. ed. Porto Alegre: Editora Penso, 2012.
- GOUVEIA, Nelson. **Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social**. Ciênc. Saúde coletiva vol.17 no.6 Rio de Janeiro. June 2012.
- GREFFE, Xavier. **Arte e mercado**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2013.
- GUERRA, A. F. S.; ORSI, R.F. M. **Tendências, abordagens e caminhos trilhados no processo de formação continuada em educação ambiental**. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. especial, dezembro de 2008.
- JACOBI, P. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa, n. 118, março/2003.
- _____. **Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005.
- LIMEIRA, Tania M. V. **Comportamento do consumidor brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- PAVIANI, Neires M. S.; FONTANA, Niura Maria. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. Conjectura, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009.
- SILVA, Lêda V. A.; PIMENTEL, Kellen de J. P. **Análise de conteúdo em materiais didático-artísticos para educação ambiental**. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - IX ENPEC, 2013.
- TOZONI-REIS, 2006. **Temas ambientais como “temas geradores”**: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar, Curitiba, n. 27, p. 93-110, 2006. Editora UFPR.
- TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2: novos rumos para um planeta em crise**. São Paulo: Globo, 2012.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**, 6. ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- VIVEIRO, Alessandra Aparecida; RUY, Rosimari A. V. **Ensino de Ciências e Educação Ambiental na formação de professores: reflexões a partir da análise de produções do estágio**. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências - IX ENPEC. 2013.

